

Vivendo desafios

Joana Coeli Ribeiro Garcia*

TARGINO, Maria das Graças, CASTRO, Mônica M.M.R.N. de (Org).
Desafiando os domínios da informação. Teresina: Editora UFPI,
2002. 313p.

Desafiando os domínios da informação é uma escolha feliz para título de uma obra em que a maioria dos profissionais que nela aportam seus conhecimentos provêm de áreas variadas. Muito embora todos tenham familiaridade com a informação enquanto usuários, o desafio reside em como utilizam seus conhecimentos para interpenetrarem na ciência da informação e com ela dialogar, de forma harmoniosa retirando de suas áreas os elementos necessários à compreensão dos eventos. E desafio também para a ciência da informação, pois ainda que seja interdisciplinar, dar conta de gama variada de temas pode arriscar-se a não tratá-los com o devido aprofundamento e a aproximação se dar apenas na horizontalidade. Isto não resultaria interessante para nenhum dos lados envolvidos.

Se, é possível estabelecer uma trajetória para temas relacionados à aquisição de conhecimentos, esta pode ser vislumbrada nos textos que abordam educação, formação de leitores, ensino à distância como os que oferecem as condições mínimas para realizar buscas e obter informações gerais ou específicas. Esta poderia ser a seqüência dos capítulos adotada, seguida de textos que dizem do comportamento de profissionais, professores e pesquisadores no uso dos sistemas de informações basilares para a transmissão e a transformação em conhecimentos. A trajetória continuaria com o surgimento das tecnologias de informação e comunicação que para modernizarem as bibliotecas implicaria decidir sobre os *softwares* que melhor se aplicam às variadas situações. Mas não somente! O fio da meada nos levaria a compreender ainda como o hipertexto no contexto da internet oferece características que possibilitam pensar a organização-conhecimento.

* Doutoranda em Ciência da Informação do convênio Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia do Ministério da Ciência e Tecnologia e Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

No entanto a ordem escolhida para apresentação dos capítulos, oriundos de monografias apresentadas e/ou dissertações de mestrado defendidas na *Universidade Federal de Minas Gerais* (UFMG), segue ordem alfabética de autores, mais democrática e menos dependente de representação temática com as variações de interpretação dela decorrentes. As exceções para as características citadas restringem-se à apresentação e ao capítulo de encerramento, ambos de responsabilidade das organizadoras da coletânea. Maria das Graças Targino é doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília, com tese em comunicação científica e Mônica Castro faz seu aprendizado junto à professora sorvendo da fonte diretamente. Ambas não apenas acreditam na divulgação científica, mas dela fazem seu ofício ao transformarem os trabalhos referidos em capítulos que compõem esta publicação.

A idéia de hierarquização dos capítulos não tem a pretensão de desmerecer o texto em que Francisco das Chagas de Carvalho Neves realiza comparações da organização com o hipertexto. Para conduzir sua argumentação parte do modelo taylor-fordista em que a hierarquia é representada pelo organograma em qualquer de seus formatos e chega ao modelo pós-moderno da organização-conhecimento, intimamente vinculada ao ambiente externo, adequando-se às mudanças daí advindas. Como elemento balizador utiliza o hipertexto e as características de cada um dos princípios estabelecidos por Pierre Lévy são, então, consideradas. A organização-conhecimento comprova-se como instituição pós-moderna, fundamentada na informação e no conhecimento e, juntamente com o hipertexto, constituem elementos vivos e dinâmicos, modificando-se a cada nova interação.

Por sua vez, Francisca Gilca da Silva Medeiros embora não aprofunde a análise sobre os sistemas de informação em saúde, discorre sobre a teoria em que se respaldam, e ao admitir que sofrem mudanças constantes de adaptação impulsionadas pelas tecnologias de informação e ditadas pelo meio ambiente nos conduz a pensar com outros autores. São, como explicita González de Gómez, arranjos que redefinem os espaços de informação sob as condições e impactos da globalização que se antes se apresentam como locais, nacionais e governamentais, agora conformam uma estrutura reticular, tornando-se local e global a um só tempo, ampliando não somente a possibilidade de acesso à informação, mas também universalizando problemas e responsabilidades.

As tendências contemporâneas que se desenham para os *softwares* brasileiros de automação de bibliotecas é o tema que Liana Rosa Brito Cardoso desenvolve com a perspectiva de traçar o perfil destes instrumentos a partir das características, funções, limitações e grau de satisfação de seus usuários o que constitui a primeira parte da dissertação e está contemplada nesta coletânea. Na segunda, descreve o processo de seleção dos *softs* e os pontos a serem observados nesta tarefa, fazendo-se necessário ler a monografia no seu original. Após apresentar as principais tendências, a autora ainda chama a atenção para a realização de um trabalho conjunto entre analista de sistema e bibliotecário, tendo em vista que a troca de conhecimentos entre as duas especialidades é de fundamental importância para o bom desempenho das bibliotecas brasileiras. E aos dois profissionais cabe, em comum acordo, decidir qual o *software* que atende às necessidades de determinada clientela e aos objetivos institucionais em consonância com os recursos de que dispõem. Por fim ressalta as qualidades do MARC e o protocolo Z39.50 de cujos benefícios cita o intercâmbio de informações entre diferentes sistemas.

A seleção aleatória dos capítulos resumidos e/ou comentados serve para demonstrar como qualquer tentativa de hierarquizá-los vai sempre tender a representar preferências, tendências ou pontos de vista de quem as apresenta. Porém como referimos inicialmente, no conjunto da obra, há um perpasso em todos os aspectos que alguém poderia estabelecer para adquirir conhecimento. Propositadamente não os revelamos em sua totalidade, para que o leitor ao desvelá-los, realize suas próprias viagens acadêmicas.

Aproveitamos para retornar a interdisciplinaridade da Ciência da Informação e citar Edgar Morin quando em *A cabeça bem feita* afirma que, termos, como interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade são polissêmicos, portanto difíceis de definir. *“Interdisciplinaridade pode tanto significar que várias disciplinas são colocadas juntas em volta de uma mesa onde cada uma reafirma suas posições quanto pode significar troca e cooperação o que a transforma em algo orgânico”*. Tudo leva a crer que essa plêiade de profissionais não apenas faz uso da *“troca e cooperação”* possibilitada pela ciência da informação, mas dela faz seu *“objeto comum ou melhor ainda seu projeto comum”* e assim penetra em seus domínios, desafiando-os.

As organizadoras acertam na seleção dos trabalhos e não medem esforços para divulgar as dissertações, material que, geralmente, só é conhecido no ato público de sua apresentação na academia e por aqueles que se encontram em vias de adquirir grau semelhante. Na verdade este tipo de publicação deveria dispor de n canais de divulgação e estar mais acessível à sociedade. Uma palavra de reconhecimento à *Universidade Federal do Piauí* (UFPI) e ao *Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí* (CEFETI/PI) pelos profissionais que ajudaram a formar. E, à *Universidade Federal de Minas Gerais* (UFMG) que os acolheu e forneceu o cabedal necessário a sua qualificação. De parabéns cada um dos participantes desta turma que, no dizer das organizadoras, “*vivenciaram um período extremamente rico em termos de intercâmbio de informações e de experiências*” e com toda certeza assim o foi. Finalmente, reverencio Mônica Castro e Maria das Graças Targino pelas capacidades e competências demonstradas, e pelo desprendimento gostoso que o desafio na produção desta obra significou.

Estes desafios foram vencidos! Resta-nos a todos, agora, os domínios da informação!